



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
COMPORTAMENTO

CAROLINA LINS DE ALBUQUERQUE MAIA

PROMOÇÃO DE MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS: O
PAPEL DO AUTO-MONITORAMENTO DO COMPORTAMENTO DOS
CUIDADORES

BRASÍLIA
2011



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
COMPORTAMENTO

CAROLINA LINS DE ALBUQUERQUE MAIA

PROMOÇÃO DE MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO EM CRIANÇAS: O
PAPEL DO AUTO-MONITORAMENTO DO COMPORTAMENTO DOS
CUIDADORES

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência do Comportamento no Programa de Pós-Graduação em Ciência do Comportamento da Universidade de Brasília – UnB, sob orientação do professor Marcelo Frota Benvenuti.

BRASÍLIA
2011

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcelo Frota Lobato Benvenuti – Presidente

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Lincoln da Silva Gimenes – Membro Titular

Universidade de Brasília

Profa. Dra. Michela Rodrigues Ribeiro – Membro Titular

Instituto de Educação Superior de Brasília

Profa. Dra. Paula Inez Cunha Gomide – Membro Suplente

Faculdade Evangélica do Paraná e

Universidade Tuiuti do Paraná

"Os principais problemas enfrentados hoje pelo mundo só poderão ser resolvidos se melhorarmos nossa compreensão do comportamento humano" (Skinner, 1974, p.8)

"Ciência é a disposição para aceitar fatos, mesmo quando eles se opõem aos desejos." (Skinner, 1953, p.12)

"Ensinar é simplesmente o arranjo de contingências de reforçamento." (Skinner, 1968, p.5)

"Não considere nenhuma prática como imutável. Mude e esteja pronto a mudar novamente. Não aceite verdade eterna. Experimente." (Skinner, 1969, p.viii)

"Você não pode impor felicidade. Você não pode em última instância, impor coisa alguma. Nós não usamos a força! Tudo que precisamos é engenharia comportamental adequada." (Skinner, 1948, p.149)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, pelo apoio em minha formação acadêmica e profissional, pela atenção, paciência e motivação dedicadas em todos esses anos.

Ao meu orientador, Professor Doutor Marcelo Frota Lobato Benvenuti, pela confiança, oportunidade, paciência, além da vasta experiência e conhecimentos compartilhados ao longo do curso.

A todo o corpo docente do departamento de Processos Psicológicos Básicos - PPB, que contribuiu para a aquisição de conhecimentos indispensáveis à conclusão dessa etapa e para meu enriquecimento profissional.

Aos membros da banca examinadora, pela disponibilidade e pelas contribuições.

Aos profissionais da secretaria do PPB, sempre tão disponíveis, pela gentileza e presteza, fazendo-se indispensáveis na viabilização de nossas práticas acadêmicas.

Aos colegas de curso, que sempre se fizeram presentes, compartilhando palavras de apoio, motivação e trocando conhecimentos.

INDICE

Lista de Figuras	7
Lista de Tabelas	8
Resumo	9
Abstract.....	10
Introdução	11
Método.....	23
Participantes	23
Instrumentos	25
Locais de coletas de dados.....	25
Procedimento	25
Análise dos resultados	28
Resultados.....	29
Discussão	35
Referências Bibliográficas.....	39
Apêndice I.....	43
Apêndice II	44
Apêndice III.....	46
Apêndice IV.....	47
Apêndice V	48

Lista de Figuras

Figura 1. Ocorrência de comportamentos inadequados das crianças, nas sessões de 1 a 21 e ocorrências de atenção dos cuidadores aos comportamentos inadequados das crianças, nas sessões de 8 a 21.....	31
Figura 2. Ocorrência de atenção dos cuidadores (2) e recorrência de comportamentos inadequados (3) para cada registro de comportamento inadequado nas sessões de 8 a 21.....	33
Figura 3. Ocorrência de comportamentos adequados das crianças e de atenção dos cuidadores a esses comportamentos (sessões 22-35), bem como ocorrência de comportamentos inadequados das crianças (sessões 36-42).....	34

Lista de Tabelas

Tabela 1. Tabela 1. Dados demográficos dos cuidadores e das crianças.....	24
Tabela 2. Comportamentos registrados por cada família durante o programa	30

Resumo

Evidências experimentais indicam a forte influência dos comportamentos dos cuidadores no desenvolvimento de comportamentos adequados e inadequados por crianças. Dessa forma, o trabalho de educação comportamental com cuidadores, em diversos formatos, tem-se mostrado eficaz na promoção de mudanças de comportamentos inadequados das crianças. O presente estudo se propôs a ensinar cuidadores a utilizarem estratégias de extinção e reforço, além fazerem análises funcionais de comportamento considerados por eles como inadequados. O estudo contou com cinco pares cuidadores-crianças. Cuidadores foram instruídos a observarem e definirem comportamentos das crianças. Em seguida, foram instruídos a auto-observarem como apresentavam conseqüências a comportamentos inadequados e adequados das crianças. Três das cinco famílias concluíram o programa de automonitoramento e treino de análises funcionais. Para as duas das três famílias que concluíram o programa, houve remissão significativa de comportamentos inadequados em função das intervenções – reatividade ao automonitoramento e aprendizagem de análises funcionais. Para a terceira família, a mudança ocorreu já na linha de base, antes das intervenções, apenas com a prática da observação. Em todos os casos, o automonitoramento cumpriu papel relevante como ferramenta de controle dentro de um contexto de pesquisa aplicada.

Palavras-chave: extinção, reforço, análises funcionais, automonitoramento, comportamento inadequado.

Abstract

Experimental evidence indicates the strong influence of the caregiver's behavior in the development of appropriate and inappropriate children's behavior. Thus, the work of behavioral education of caregivers, in various formats, has proved effectiveness in promoting changes in children's inappropriate behavior. This experiment aimed to teach caregivers to use strategies of extinction and reinforcement, and to make functional analysis of behaviors to decrease the frequency of children's inappropriate behaviors. Three of the five families completed the whole program of self-monitoring and functional analysis of behavior training. For two of the three families who completed the whole program, the results of inappropriate behavior's remission was significant. For the third family, the changes were related to the mother's comprehension about the child's behavior before intervention. In all cases, self-monitoring played an important role serving as a control tool into an applied research context.

Keywords: extinction, reinforcement, functional analysis, self-monitoring, inappropriate behavior.

É notória a recorrência, nas diversas formas de mídia, de debates que envolvem o desenvolvimento de comportamentos infanto-juvenis transgressores de regras sociais. Essa é uma problemática que, aos olhares das famílias, das escolas, da justiça e da sociedade como um todo merece atenção especial. A psicologia tem contribuído para a construção de instrumentos conceituais e aplicados para compreender e intervir sobre os principais aspectos dessa questão. Entre estes, destacaremos os estudos que mostram como o comportamento dos pais ou de outros cuidadores pode participar na determinação do comportamento de crianças que vivem sob seus cuidados. Muitos desses estudos baseiam-se na distinção entre comportamentos “adequados” e “inadequados”, por isso, antes da discussão dos estudos que mostram o papel do comportamento do cuidador, serão discutidas questões relativas ao uso das expressões “adequado” ou “inadequado” em psicologia.

Falar em comportamentos “adequados” e “inadequados” é controverso, uma vez que esse tipo de terminologia é, costumeiramente, relativizado dentro do contexto da psicologia. Ou seja, o que é “adequado” ou “inadequado” depende dos valores e princípios que regem uma determinada cultura social e/ou familiar. Por isso, o uso da referência “socialmente” se faz relevante. Especificar certos comportamentos como socialmente inadequados, significa que, aos olhos dos indivíduos de uma sociedade, certos comportamentos não são aceitos de alguma forma.

É comum que a questão dos comportamentos inadequados esteja relacionada aos termos antissocial, comportamento delinquente e delinquência (ver Bernal, Klinnert & Schultz, 1980; Pacheco, Alvarenga, Reppold, Piccinini & Hutz, 2005; Silva, 2002, mas podem levar a delinquência, como mencionam - termo jurídico que envolve atos infracionais -, podendo tornar-se patológica, segundo

Em comum aos termos apresentados, está a função que o comportamento inadequado, antissocial ou delinquente exerce. Carvalho e Gomide (2005) chamam a atenção para o caráter coercitivo (imponente e, geralmente, aversivo) de certos comportamentos sobre outras pessoas. Os diferentes adjetivos parecem sugerir que esse caráter coercitivo pode variar, indo do desagradável àquilo que é considerado grave a ponto de ser tomado como uma infração.

Bolsoni-Silva e Maturano (2002) reforçam a idéia de que a forma como os pais interagem com os filhos é crucial para a promoção de comportamentos adequados e, por outro lado, pode também contribuir para o desenvolvimento de comportamentos inadequados. Para essas autoras, as estratégias de educação adotadas pelos pais estabelecem estreita relação com a manifestação de uma ou outra tendência de comportamento de tal modo que, em meios familiares aversivos, a probabilidade de crianças desenvolverem comportamentos coercitivos é mais alta. Além disso, esse padrão de comportamento, comumente, acaba por ser generalizado para outros contextos, ainda que nos novos contextos esses comportamentos não produzam as mesmas consequências. Para as autoras, capacidades sociais habilidosas - capacidade de dialogar, de expressar afeto, de defender os próprios direitos, de solicitar favores, de recusar pedidos, de fazer e aceitar cumprimentos, expressar opiniões próprias, saber se desculpar, admitir falta de conhecimento, pedir mudanças de comportamentos e enfrentar críticas -, influenciam no desenvolvimento do padrão comportamental das crianças.

Com base nessa premissa, Bolsoni-Silva e Del Prette (2002) realizaram uma pesquisa que se propôs a investigar, por meio de entrevistas, pais de crianças com indicação escolar de comportamentos inadequados e pais de crianças sem essa indicação. Por comportamentos inadequados, as autoras entendem *deficits* ou

excedentes comportamentais que prejudicam a interação da criança com seus pares ou adultos de sua convivência. As entrevistas procuraram identificar as habilidades sócio-educativas (que envolveram a capacidade de expressão de sentimentos e opiniões, de conversar e de cumprir promessas) dos pais e as interações dos pais com seus filhos no ambiente familiar. Os resultados das entrevistas mostraram que o surgimento de comportamentos adequados e inadequados é fortemente influenciado pelo estilo de educação parental. Os resultados encontrados nesses estudos sugeriram que o aproveitamento de repertórios socialmente adequados manifestados pelas crianças atua tanto na diminuição de comportamentos-problema quanto no aumento de comportamentos socialmente adequados.

Haydu, Gomide e Seegmueller (2010) reiteram a questão acima esclarecendo que as interações recíprocas podem contribuir tanto para a ocorrência de comportamento de obediência quanto para a ocorrência de comportamentos de desobediências, opositores e para o contracontrole. Nesse sentido, explicam que, nas relações entre pais/ cuidadores e filhos, interações negativas acabam contribuindo para a utilização de estratégias coercitivas de controle. Ao contrário, interações positivas acabam contribuindo para o comportamento adequado de obedecer, que, segundo as autoras, pode ser considerado como base para a prevenção de comportamentos antissociais.

Pacheco e Hutz (2009) realizaram entrevistas estruturadas que buscavam identificar as práticas educativas utilizadas pelos pais diante de comportamentos específicos dos filhos. Os autores investigaram a relação das práticas educativas parentais e os padrões de comportamento emitidos por outros membros da família com a ocorrência de comportamento delituoso em adolescentes que cumpriam medidas sócio-educativas. Os resultados do estudo mostraram que 54,5% dos adolescentes

infratores apresentaram casos de delitos cometidos por outros familiares, 69% dos adolescentes sofriam punições físicas, e 26,1% estavam sujeitos à negligência por parte dos pais. Além disso, 73,6% eram aconselhados pelos pais quanto aos seus comportamentos. Esses dados reforçam a idéia anterior de que as interações familiares e comportamentos aprendidos nesse contexto podem contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento de comportamentos inadequados. Ainda, com base nos dados apresentados, é possível questionar a eficácia do aconselhamento, por si só, como estratégia educativa, principalmente quando contingências concorrentes se fazem presentes. Isso remete, novamente, às conclusões de Bolsoni-Silva e Del Prette (2002), que apontam habilidades comportamentais dos pais como fortes influências para os tipos de comportamentos emitidos pelos filhos.

Coerente com essa análise, a intervenção com pais, como agentes de mudanças de comportamentos nos filhos, tem se mostrado, com o passar dos anos, estratégia eficaz (Bernal, 1980). A observação dos comportamentos (próprios e dos filhos), o registro dos comportamentos, o reconhecimento dos princípios comportamentais e seus efeitos para a aquisição e manutenção de novos comportamentos são alguns procedimentos determinantes para a promoção de mudanças comportamentais no contexto familiar e fora dele (Cuvo, 1999).

Johnson e Lobitz (1974) se propuseram a investigar o quanto os pais são capazes de manipular os comportamentos dos filhos, seja na direção desejada ou indesejada. Para tanto, realizaram um experimento no qual os pais deveria fazer tudo que pudessem para que seus filhos mostrassem o melhor e o pior comportamento em momentos distintos, nos quais os observadores pudessem fazer registros. Nesse estudo, os autores concluíram que, a partir de comportamentos próprios, é possível que os pais aumentem ou diminuam a frequência de respostas indesejadas e de respostas desejadas dos filhos.

Em complemento, perceberam que uma abordagem “negativa” dos pais em relação aos filhos era mais frequente em famílias que tinham crianças com problemas de comportamento.

Bolsoni-Silva e Maturano (2002), baseadas em seus estudos sobre treino de habilidades sociais, enfatizam que pais que desejam desenvolver comportamentos sociais adequados nos filhos, precisam se comportar de acordo com aquilo que esperam, manifestando-se habilidosos no lugar de agressivos ou não assertivos. Sendo assim, as autoras sugerem que os pais devam se manifestar em relação aos comportamentos dos filhos de forma educativa (sinalizando aquilo que é comportamento “adequado” e “inadequado”). Além disso, devem funcionar como modelo de comportamento para os filhos, para que estes possam discriminar os comportamentos socialmente desejáveis e aumentar sua probabilidade de ocorrência. Outro aspecto relevante observado, relacionado ao contexto cultural das famílias, refere-se à frequência com que comportamentos inadequados são observados e punidos, ao passo que comportamentos adequados, ainda que observados, costumeiramente não são reforçados. Isso pode acarretar em um processo de extinção dos comportamentos adequados. Por esse motivo, Bolsoni-Silva e Maturano (2002) ressaltam a importância do acompanhamento de pais e filhos dentro do contexto familiar, de modo a promover mudanças em contingências de ensino-aprendizagem de comportamentos socialmente adequados.

Bolsoni-Silva, Salina-Brandão, Versuti-Stoque e Rosin-Pinola (2008) se propuseram a desenvolver habilidades sócio-educativas em pais, por meio de um treino que envolvia técnicas de modelação, modelagem, reforçamento e *role-playing*. Esse treino contava, previamente, com uma etapa de análises funcionais dos comportamentos vivenciados, em casa, por cada um dos participantes. Esse estudo permitiu concluir que, ao analisar funcionalmente o próprio comportamento e o dos filhos, os pais

aumentavam seu repertório de observação comportamental e, conseqüentemente, suas habilidades de discriminação das contingências. Além disso, eles conseguiram analisar criticamente que, antes do treino, não conseguiam analisar criticamente os próprios comportamentos .

O estudo de Bolsoni-Silva et al (2008) mostrou a importância do estabelecimento do repertório de observação comportamental dos pais ou cuidadores, de modo que estes foram capazes de identificar as contingências nas quais os comportamentos inadequados das crianças se fazem presentes. A mudança de comportamentos inadequados emitidos por crianças demanda dos cuidadores a identificação de comportamentos adequados e inadequados e, também, das próprias ações que contribuem ou até determinam a aquisição e manutenção de comportamentos inadequados das crianças.

Assim, supõe-se que a aprendizagem da operação de análises funcionais de comportamentos seja útil não apenas para a constituição de um plano de ação do terapeuta, mas também para que o próprio cliente possa aprender a analisar comportamentos em termos das contingências nas quais está inserido. Com essa aprendizagem, o sujeito se torna capaz de gerenciar o próprio comportamento e o de outros, além de conseguir manter e generalizar novos repertórios com mais facilidade. Essa, no entanto, é uma habilidade que precisa ser desenvolvida.

Nesse sentido, Tourinho, Teixeira e Maciel (2000) discutem que o perceber pode ser definido como um responder diferenciado ao mundo, produzido por contingências de reforçamento. Com isso, é possível concluir que seja fundamental a inclusão de etapas de desenvolvimento da habilidade de observar comportamentos, por parte dos pais, para que os objetivos de mudanças comportamentais sejam eficazmente alcançados. Ao aprenderem a observar comportamentos e a fazer análises funcionais, os

pais se tornam capazes de identificar comportamentos próprios que contribuem para a manutenção dos comportamentos inadequados dos filhos. Além disso, podem ampliar repertórios comportamentais de reforço para os comportamentos adequados.

A análise funcional do comportamento contribui nesse processo de compreensão de como os comportamentos são adquiridos e mantidos. Segundo Meyer (1997), mudanças em comportamentos só são possíveis a partir de mudanças nas contingências. Essas, por sua vez, são caracterizadas pela interrelação entre a ocasião em que a resposta ocorre, a resposta em si e as consequências dela decorrentes. Nesse contexto, é importante buscar a identificação de que variáveis o comportamento é função (Skinner, 1953/2003). Delitti (1997) esclarece que a identificação das variáveis que controlam um determinado comportamento permite a formulação de hipóteses sobre a aquisição e manutenção de comportamentos problemáticos e, conseqüentemente, o planejamento de ações para a mudança de padrões comportamentais. Matos (1999) ressalta a importância de se compreender a maneira como os comportamentos estão funcionalmente relacionados a variáveis ambientais, identificando seu valor de sobrevivência no ambiente e no contexto no qual são manifestados.

Outras estratégias de promoção de mudanças de comportamentos nos filhos envolveram recursos de *feedback*, *timeout* (punição) e reforçamento diferencial (O'Brien, Riner & Budd, 1983; Wahler, 1969). O'Brien, Riner e Budd (1983), em uma pesquisa sobre manutenção e generalização de comportamentos não disruptivos, utilizaram estratégias de feedback que envolveram auto-avaliação da criança e avaliação da mãe quanto ao comportamento auto-avaliado pela criança. Assim, as crianças tinham por tarefa avaliar os próprios comportamentos ao mesmo tempo em que as mães, separadamente, avaliavam o comportamento das crianças. Em um dado momento, a proposta era que as mães compartilhassem com os filhos a avaliação que haviam feito

dos comportamentos. Observar sistematicamente o comportamento, compartilhar com os filhos a avaliação e dar *feedbacks* acerca do que era esperado das crianças, permitiu alcançar os objetivos supracitados, em relação ao obtido em uma condição de linha de base com apenas auto-avaliação. Os efeitos do reforçamento diferencial associado a estratégias de *timeout* foram estudados por Wahler (1969), que verificou a eficácia da utilização desses dois recursos para o aumento de comportamentos de cooperação e redução de comportamentos de oposição, respectivamente. No entanto, além da habilidade para fazer análises funcionais, a utilização desses recursos demanda a compreensão de como funcionam alguns princípios que regem o controle de comportamentos.

Alguns princípios básicos em análise do comportamento orientam para formas de controle dos comportamentos, de modo a ampliar repertórios comportamentais. Para Skinner (1953/2003), reforçamento acontece quando um estímulo reforçador é apresentado como consequência de uma resposta do sujeito. Para o autor, além de modelar o repertório comportamental, o reforço dos comportamentos os mantém fortalecidos. Ao se dispor contingências de reforço, é possível verificar o aumento da frequência dos comportamentos em questão, também, em outros ambientes. A adoção de estratégias de modelagem de comportamentos que envolvam reforçamento acaba por implicar em “efeitos colaterais” positivos, o que usualmente não ocorre com a punição.

Skinner (1953/2003) chama a atenção para o fato que, com frequência, os pais reforçam (de forma intermitente ou diferencial) comportamentos inadequados dos filhos, que, originariamente, gostariam de eliminar ou substituir. Por isso a importância de um educador aprender as relações funcionais de comportamentos de tal modo que possa aplicar os princípios, usufruindo de seus melhores benefícios.

A punição, como forma de controle de comportamento, diminui a probabilidade futura de ocorrência de um determinado comportamento. No entanto, podem acarretar o desenvolvimento de formas de contracontrole, como os comportamentos de fuga e esquiva, além de desencadear “efeitos colaterais” tais como comportamentos agressivos, de rejeição de pessoas ou de uma situação (Sidman, 2001; Skinner, 1953/ 2003). Sidman (2001) ressalta que a punição tem a qualidade de suprimir a ocorrência de alguns comportamentos. No entanto, por si só, não amplia repertórios comportamentais. Ao contrário, restringe-os.

Outro problema que Sidman (2001) discute em relação aos efeitos da punição é que o comportamento punido, ainda que indesejável para os pais, é usualmente mantido por reforçadores. Sem a ampliação de repertório comportamental da criança, ou seja, sem aprender outros comportamentos que lhe possibilite alcançar esses reforçadores, a criança acaba por se encontrar meramente privada de reforçadores. Com isso, é possível que ela procure tais reforçadores por meio da emissão de novos comportamentos não necessariamente desejáveis ou adequados.

Goldiamond (1974/2002) sugere a adoção de uma abordagem construcional, na qual repertórios comportamentais sejam construídos no lugar de eliminados. A base dessa abordagem é substituir a forma de atuação orientada para a patologia pela produção de repertórios desejáveis, ampliando-os e aproveitando opções comportamentais disponíveis para o sujeito. Para o alcance desses objetivos, Goldiamond ressalta a importância de se desenvolver um programa no qual consequências favoreçam a manutenção dos novos comportamentos, operando com reforçadores no ambiente natural do sujeito. Sendo assim, o autor sugere um trabalho fundamentado em estratégias de reforçamento, que possibilite ao sujeito a construção de novos repertórios comportamentais.

Um recurso muito utilizado em pesquisas psicológicas que pode ser associado à abordagem construcional é o automonitoramento. Bohm e Gimenes (2008), explicam que o automonitoramento consiste em observação e registro da ocorrência de alguns comportamentos emitidos pela própria pessoa, além do registro de eventos ambientais associados.

Bohm (2009) investigou a eficácia da estratégia de automonitoramento para a remissão de sintomas da Síndrome do Intestino Irritável (quantidade de evacuações por dia e por semana, aspecto das fezes, esforço na evacuação, desconforto ou dor abdominal, entre outros). Baseado em revisão de estudos experimentais e aplicados, o autor considera que muitos dos sintomas da síndrome estão diretamente relacionados ao contato que uma pessoa mantém com o ambiente (contato que pode produzir repetição de tarefas ou apresentação sistemática de eventos aversivos). Com isso, a estratégia de automonitoramento mostra-se especialmente relevante para que o psicólogo e a própria pessoa que sofre com a síndrome possa conhecer e alterar comportamentos.

Bohm (2009) delineou um trabalho de intervenção que envolveu automonitoramento diário de atividades, do funcionamento intestinal e da rotina alimentar dos participantes. Além disso, algumas intervenções envolvendo alterações nas atividades foram realizadas e o efeito dessas alterações avaliadas a partir da mudança no comportamento registrado pelos próprios participantes. O acompanhamento foi feito semanalmente durante o tempo de pesquisa. O instrumento de automonitoramento utilizado pelo autor permitia a coleta de informações sobre o local/ a audiência quando da manifestação do sintoma, o comportamento dos sujeitos e o que acontecia em seguida à manifestação do sintoma. Quando registravam comportamentos, os participantes eram solicitados a registrar não apenas o que faziam abertamente, mas também as sensações/ sentimentos presentes na ocasião. Nos três

casos estudados por Bohm (2009), foram percebidas correlações entre as alterações de atividades diárias e o funcionamento intestinal das participantes. Para uma das participantes, a mudança de rotina e remissão de sintomas apresentou-se como manifestação reativa ao processo de automonitoramento. As outras duas participantes apresentaram alterações no funcionamento intestinal como resposta a mudanças no ambiente promovidas pela intervenção. Por fim, o procedimento ainda permitiu ao autor concluir sobre a eficácia de se utilizar a análise funcional como instrumento capaz de auxiliar na compreensão dos problemas e no planejamento de intervenções.

Em um estudo mais antigo, Hebert e Baer (1972) também utilizaram estratégias de automonitoramento e delinearam um procedimento simples e econômico para treinar duas mães a promoverem melhorias nos comportamentos sociais inadequados de seus filhos e nos comportamentos de cumprimento de tarefas delegadas. O treino envolveu a identificação dos comportamentos-problema, o uso de estratégias automonitoramento para a quantidade de atenção que os pais dedicavam aos comportamentos adequados dos filhos e, em um dos casos, de atenção aos comportamentos inadequados, com instrução para a minimização dessa quantidade de atenção. Para a realização da pesquisa, dois observadores fizeram observações diretas da interação mãe-filho, na casa dos participantes. Os resultados foram calculados com base nos registros dos observadores, e não com base nos dados de automonitoramento das mães.

Como resultado de pesquisa, Hebert e Baer (1972) entenderam que o automonitoramento para comportamentos de atenção dos pais com relação aos comportamentos adequados dos filhos foi suficiente para aumentar significativamente a quantidade de atenção dispensada e, conseqüentemente, a frequência de comportamentos adequados dos filhos. O mesmo sucesso não foi obtido quando a instrução sugeria a diminuição de atenção para os comportamentos inadequados. Os

autores, no entanto, não discutiram as possíveis causas do insucesso do processo de extinção de comportamentos inadequados.

É preciso destacar o fato de Hebert e Baer (1972) terem utilizado estratégias de automonitoramento para controle comportamental dos participantes, mas não terem aproveitado os dados produzidos com essa intervenção e, sim, os registros feitos pelos observadores. A observação direta das interações mães/filhos é uma forma de registro bastante preciso e confiável. Por outro lado, a presença dos pesquisadores no ambiente natural, no momento da observação, pode ter controlado significativamente o comportamento de automonitoramento dos participantes durante as intervenções, funcionando como uma terceira variável (não controlada). Por fim, ao não utilizarem os registros de automonitoramento, os pesquisadores acabaram não possibilitando aos participantes a aprendizagem de análises funcionais para construção de um novo repertório comportamental. Nesse sentido, a intervenção de Bohm aproxima-se mais de uma intervenção próxima das possibilidades do psicólogo clínico e oferece melhores condições para o ensino de análise funcional para uma população que comumente procura os serviços de psicologia.

Em estudos recentes sobre treino de pais, Emídio, Ribeiro e de-Farias (2009), propuseram uma sequência de intervenções com os pais e seu filho de nove anos, que manifestava comportamento agressivo. O trabalho, além de envolver procedimentos específicos com a criança, em um contexto de terapia infantil, contou com as seguintes etapas: 1) fase de avaliação, na qual os pais registraram o comportamento de agredir do filho durante as quatro primeiras semanas (procedimento repetido, também, após vinte semanas de intervenção), 2) fase de registro dos pais acerca dos comportamentos inadequados da criança, com respectivos antecedentes e consequentes, possibilitando a análise funcional dos comportamentos inadequados e 3) orientação aos pais para

substituição do controle aversivo por reforço de comportamentos adequados, ao mesmo tempo em que deveriam persistir nas ordens dadas e substituírem ameaças por descrições de comportamentos adequados e inadequados. As intervenções permitiram às autoras concluírem que os registros tiveram papel fundamental para a compreensão dos pais sobre o contexto que mantinha os comportamentos inadequados emitidos pelo filho. A intervenção facilitou a mudança de comportamento dos pais e, alterando as relações familiares, possibilitou a diminuição da frequência de emissão de comportamentos inadequados dos filhos.

O presente trabalho, inspirado na metodologia de automonitoramento utilizada por Bohm se propôs a investigar a eficácia da intervenção por meio de automonitoramento associado ao ensino de análises funcionais de comportamentos, de modo a promover a construção de novos repertórios comportamentais de pais/cuidadores e de seus filhos.

A pesquisa consistiu no desenvolvimento de um modelo de intervenção conduzido com cuidadores, em consultório e em seus ambientes naturais, de modo a aproximar a presente intervenção com as possibilidades de uma intervenção psicoterápica. Isso se justifica pela necessidade de instrumentalizar terapeutas com técnicas eficazes para a promoção de mudanças comportamentais, considerando os instrumentos presentes nesse contexto profissional.

Método

Participantes

A pesquisa foi divulgada no site do CRP e, por três dias não consecutivos, em jornal local de grande circulação. As informações publicadas foram: o objetivo do

trabalho, o público-alvo e as formas de contato para candidatura a participação na pesquisa.

Os critérios de seleção foram: famílias que tivessem crianças com idade entre 2 e 5 anos; existência de queixa relacionada a comportamentos inadequados manifestados pelas crianças; concordância dos pais quanto à participação na pesquisa; assinatura do Termo de Autorização dos pais quanto à participação da criança no programa de intervenção, conforme proposta do Comitê de Ética em Pesquisa da Área da Saúde.

O Termo de Consentimento Informado, bem como o projeto com base no qual foi feita a presente pesquisa, foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (protocolo no. 085/10).

Vinte e cinco famílias entraram em contato, interessadas em participar do programa. Destas, cinco foram selecionadas, de acordo com os critérios pré-estabelecidos. Além disso, houve quatro contatos de profissionais da Secretaria de Educação do Distrito Federal e um contato do Ministério Público do Distrito Federal e Territórios. Ambos interessados no desenvolvimento de um trabalho voltado para orientação parental.

Na Tabela 1, são apresentados os dados básicos das famílias selecionadas para participação no programa.

Tabela 1.

Dados demográficos dos cuidadores e das crianças

Cuidador	Idade	Relação com a criança	Criança	Idade	Sexo
R.G.	31 anos	pai	R.F.	3 anos	masculino
L.J.	21 anos	mãe	Y.A.	2,6 anos	masculino
L.G.	33 anos	mãe	E.Z.	5 anos	masculino
M.A.	53 anos	avó	V.N.	3 anos	masculino
E.D.	57 anos	avó	P.A.	2,6 anos	masculino

Instrumentos

Foram utilizados para a coleta de dados da história de vida dos participantes um roteiro de entrevista semi-estruturada e um roteiro de entrevista com perguntas abertas elaborado a partir da proposta do Questionário Construcional de Goldiamond (Goldiamond, 2002). A versão utilizada foi adaptada da versão traduzida por Gimenes, Andronis e Layng (2005).

Para a realização da pesquisa, foram utilizados três formulários de registro: o primeiro para registro dos comportamentos inadequados, para a linha de base; o segundo para registro de atenção a comportamentos inadequados com respectivos antecedentes e consequentes; e o terceiro para registro de atenção a comportamentos adequados com respectivos antecedentes e consequentes. Esses formulários encontram-se, na íntegra, no Apêndices III, IV e V.

Locais de coletas de dados

As entrevistas iniciais e sessões de acompanhamento semanais foram realizadas em consultório psicológico particular. Os demais procedimentos da pesquisa foram realizados pelos pais ou cuidadores, em seus ambientes naturais.

Procedimento

Entrevistas iniciais: as entrevistas foram realizadas em consultório particular, em duas sessões de uma hora e trinta minutos cada. Foram abordados, conforme formulários no Apêndice, a história de vida dos participantes e as queixas acerca dos comportamentos inadequados das crianças. Durante o primeiro encontro, foram apresentados os objetivos e características gerais do trabalho, duração, metodologia de trabalho, necessidade de comprometimento dos participantes e proposta de devolutiva dos resultados. No segundo encontro, os participantes receberam a tarefa de relatar de forma escrita um episódio de manifestação de comportamento inadequado. Isso foi feito

para avaliar o repertório de relato escrito dos pais ou cuidadores, requisito para os procedimentos de automonitoramento e registros.

Linha de base, observação de comportamentos inadequados: No terceiro encontro, os resultados dos registros foram discutidos e foram feitas orientações para o registro de automonitoramento. Essa etapa consistiu em identificar o tipo e a frequência de comportamentos inadequados manifestados pelas crianças e observados pelos pais. Os participantes receberam sete folhas de formulários de registro de comportamentos inadequados e foram orientados a registrar, diariamente, pelos próximos sete dias, todos os comportamentos inadequados manifestados pelas crianças.

Instrução para a linha de base:

“A partir de hoje, por sete dias, é importante que você registre nesses formulários todas as ocorrências de comportamentos inadequados manifestados pela criança, na medida em que acontecem. Você deverá registrar os comportamentos presentes na sua queixa inicial ou outros que surjam. Ressalto que os registros devem ser diários e imediatamente após a ocorrência do comportamento problema.”

Auto-monitoramento para atenção aos comportamentos inadequados: Teve início com um treino que foi realizado com os pais ou cuidadores, em uma sessão de uma hora, no consultório, na qual foi esclarecida a proposta dessa intervenção, os procedimentos, os ganhos que poderiam ser esperados com a adesão ao trabalho e a importância dos registros escritos. Foi dito aos pais que algumas técnicas poderiam ajudar a gerenciar o comportamento de seus filhos e que elas seriam experimentadas durante o trabalho. Além disso, os pais foram informados de que durante o trabalho não seriam dados *feedbacks* sobre os resultados obtidos semanalmente, mas, ao final do trabalho, um relatório completo seria discutido com cada família. Os pais foram instruídos a manterem os filhos envolvidos em atividades rotineiras na dinâmica

familiar, de modo que não houvesse qualquer alteração de cenário no ambiente natural provocada pelo início das intervenções. Os participantes receberam os formulários para registro de comportamentos.

Instrução para auto-monitoramento para atenção aos comportamentos inadequados (Adaptado de Hebert & Baer, 1972):

“Algumas vezes, o ato de registrar o que fazemos é suficiente para mudar o que fazemos. A partir de hoje, por quatorze dias, quero que você se concentre na quantidade de vezes que dá atenção aos comportamentos inadequados emitidos pela criança. Você deverá registrar o comportamento inadequado observado, o que você fez em resposta ao comportamento da criança e, por fim, como a criança respondeu ao seu comportamento, conforme disposição no formulário de registro. É importante que você tente minimizar o quanto for possível a quantidade de atenção que você dá aos comportamentos inadequados da criança.”

O auto-monitoramento e registro de atenção dedicada aos comportamentos inadequados das crianças foi realizado durante quatorze dias consecutivos. Os registros permitiam a identificação da frequência de comportamentos inadequados – antecedentes - das crianças, a frequência de comportamento de atenção dedicada a esses comportamentos – comportamento - pelos pais ou cuidadores e a resposta das crianças aos comportamentos dos pais ou cuidadores – conseqüentes.

Auto-monitoramento para atenção aos comportamentos adequados: Teve início com um treino de auto-monitoramento para atenção aos comportamentos adequados. Esse treino seguiu a mesma sistemática da etapa anterior, diferenciando-se apenas na instrução.

Instrução para auto-monitoramento para atenção aos comportamentos adequados (Adaptado de Hebert & Baer, 1972):

“No processo de mudança de comportamento, mais importante do que ensinar que alguns comportamentos são inadequados, é importante ensinar para a criança comportamentos adequados. Ou seja, ensinar novos comportamentos por meios dos quais elas poderão conseguir, da forma adequada, aquilo que desejam. A partir de hoje, por quatorze dias, quero que você se concentre na quantidade de vezes que dá atenção a comportamentos adequados emitidos pela criança. Você deverá registrar o comportamento adequado observado, em seguida, registrar o que você fez em resposta ao comportamento da criança e, por fim, como a criança respondeu ao seu comportamento, conforme disposição no formulário de registro. É importante que você tente reforçar (por meio de elogios, olhares de aprovação, contatos físicos agradáveis ou outras formas de recompensa) o comportamento da criança sempre que ela se comportar de acordo com o esperado.”

O auto-monitoramento e registro de atenção dedicada aos comportamentos adequados das crianças foi realizado por quatorze dias consecutivos. Os registros permitiam a identificação da frequência de comportamentos adequados – antecedentes - das crianças, a frequência de comportamento de atenção dedicada a esses comportamentos – comportamento - pelos pais ou cuidadores e a resposta das crianças aos comportamentos dos pais ou cuidadores – consequentes.

Retorno à linha de base: após as duas intervenções e o acompanhamento do progresso na remissão de comportamentos inadequados das crianças, os participantes foram instruídos a registrar, novamente, apenas as ocorrências de comportamentos inadequados, por sete dias.

Análise dos resultados

Na análise dos dados, pretendeu-se verificar se o método de automonitoramento para aumento ou diminuição de atenção dedicada aos comportamentos observados,

foram suficientes para a promoção da mudança na frequência de comportamentos inadequados e adequados emitidos pelas crianças. Em realidade, a principal medida do presente trabalho é o comportamento de observar e registrar dos cuidadores, de modo que seria mais adequado afirmar que foram avaliadas as mudanças no comportamento dos pais de observar os próprios comportamentos e o dos filhos. Analisando aumento e diminuição de comportamentos adequados, inadequados e atenção dispensada a esses comportamentos, foi possível analisar como cuidadores observavam o comportamento das crianças e seus próprios.

Resultados

Para contextualizar os resultados obtidos com a pesquisa, serão apresentados, na Tabela 2 os tipos de comportamentos inadequados e adequados registrados por cada uma das famílias participantes.

Tabela 2.

Comportamentos registrados por cada família durante o programa.

Participantes	Comportamentos Inadequados	Comportamentos adequados
R.G. e R.F.	Provocar vômitos Bater e morder outros Gritar e chorar sem controle	Ficar na escola sem chorar ou provocar vômito Tomar banho sem resistência Comer sem resistência Arrumar os brinquedos Tratar bem a outras pessoas Dividir os brinquedos com colegas
L.J. e Y.A.	Bater em outros Atirar objetos Gritar e chorar sem controle Projetar o corpo ao chão	Brincar comportado Ajudar a guardar os brinquedos Fazer as refeições comportado Dormir sem chorar Aguardar com paciência a mãe terminar seus afazeres Obedecer a mãe ao sair de casa
L.G. e E.Z.	Desobedecer/ manifestar oposição (segundo o cuidador) Falar palavrões Fazer gestos obscenos “Auto-mutilação” (segundo o cuidador)	Obedecer a mãe Tratar bem a outras pessoas Tomar banho sem resistência Aceitar quando não podia acompanhar a mãe em algumas atividades Brincar comportado
M.A. e V.N.	Desobedecer/ manifestar oposição (segundo o cuidador) Agredir verbal e fisicamente Urinar na avó	Não se aplica
E.D. e P.A.	Chorar sem controle Projetar o corpo ao chão Bater e xingar Manifestar oposição	Não se aplica

A descrição dos resultados do automonitoramento será apresentada conjuntamente, conforme etapas do programa de intervenção, com considerações de resultados individuais alcançados. Primeiramente, serão apresentados os dados de linha de base (ocorrências de comportamentos inadequados da criança, segundo registro dos cuidadores) e dados da primeira etapa de intervenção (automonitoramento dos cuidadores para atenção aos comportamentos inadequados). Esses resultados serão seguidos de dados que retratam a relação entre a ocorrência de atenção, ou não, dos pais

aos comportamentos inadequados (registrados nas sessões de 8 a 21) e a recorrência de comportamentos inadequados da criança. Por fim, serão apresentados os dados da segunda etapa de intervenção (automonitoramento dos cuidadores para atenção aos comportamentos adequados) e dados do retorno a linha de base (ocorrências de comportamentos inadequados da criança, segundo registro dos cuidadores).

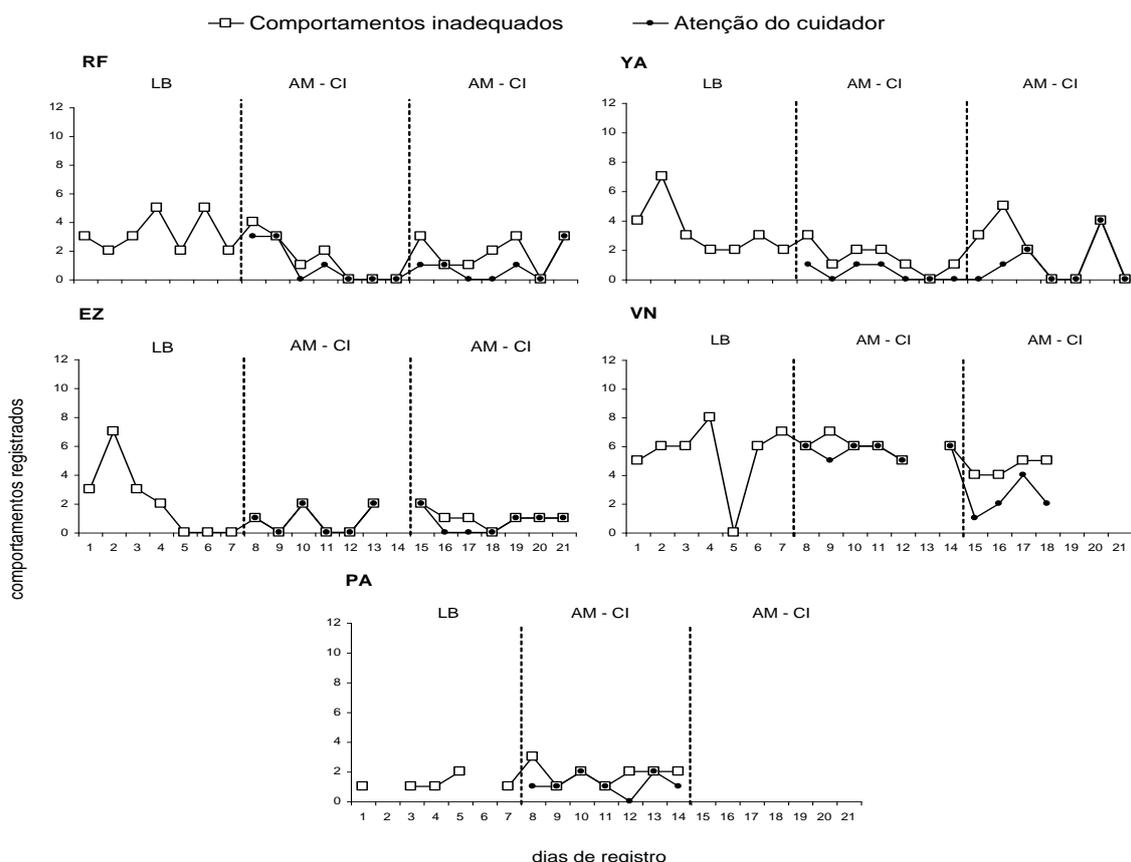


Figura 1. Ocorrência de comportamentos inadequados das crianças, nas sessões de 1 a 21 e ocorrências de atenção dos cuidadores aos comportamentos inadequados das crianças, nas sessões de 8 a 21.

A Figura 1 mostra o registro da ocorrência de comportamentos inadequados das crianças, feito pelos pais, nas sessões 1 a 21 e o registro da ocorrência de atenção dos cuidadores aos comportamentos inadequados das crianças nas sessões 8 a 21. Inicialmente, é válido considerar que em dois dos cinco casos estudados (R.F. e Y.A.) houve uma clara tendência a remissão de comportamentos inadequados a partir do momento em que os cuidadores foram solicitados a observar a atenção dispensada aos

comportamentos inadequados. O terceiro caso (E.Z.) foi atípico no sentido de que, logo na linha de base, a cuidadora percebeu que os comportamentos de seu filho não se mostraram tão frequentes e com a magnitude que a cuidadora havia relatado nas sessões iniciais. Para os dois últimos participantes (V.N. e P.A.) houve desistência da participação na pesquisa por motivos que serão discutidos posteriormente.

A média de comportamentos inadequados de R.F. na linha de base foi 3,14 ($DP = 1,35$). Após a primeira intervenção, essa média foi reduzida para 1,64 ($DP = 1,39$). A média de comportamentos inadequados de Y.A. na linha de base foi 3,29 ($DP = 1,80$). Após a primeira intervenção, essa média foi reduzida para 1,71 ($DP = 1,59$). No caso de E.Z., a média de comportamentos inadequados na linha de base foi mais baixa do que nos casos anteriores, ficando em 2,14 ($DP = 2,54$). Com a intervenção, a média foi reduzida para 0,93 ($DP = 0$). No caso de V.N., a média de comportamentos inadequados na linha de base foi 5,4 ($DP = 2,57$). Após a primeira intervenção, a média manteve-se em 5,4 ($DP = 0,96$). Vale ressaltar que a avó de V.N., ao receber as instruções para a primeira intervenção, manifestou resistência, alegando que o procedimento não funcionaria. Entre as sessões 14 e 15, quando as instruções foram retomadas, observou-se uma tendência a remissão dos comportamentos inadequados de V.N., momento em que a avó desistiu de participar do programa, alegando motivos pessoais. O último caso, de P.A., foi igualmente atípico no sentido de que a avó de P.A., sua cuidadora, omitiu num primeiro momento o fato de ser analfabeta. Após a linha de base, quando foi identificado o problema, a participante pediu a oportunidade de continuar com o trabalho a título de tentativa. No entanto, após a primeira semana de intervenção, a própria participante desistiu do trabalho tendo em vista sua dificuldade em seguir as instruções.

Com a Figura 2 é possível analisar o que ocorreu após cada emissão de comportamento inadequado das crianças registrado nas semanas de automonitoramento para atenção aos comportamentos inadequados, representados nos eixos x e y (1). O gráfico mostra a recorrência, ou não, de comportamentos inadequados (3) para cada comportamento inadequado conseqüenciado com atenção do cuidador (2).

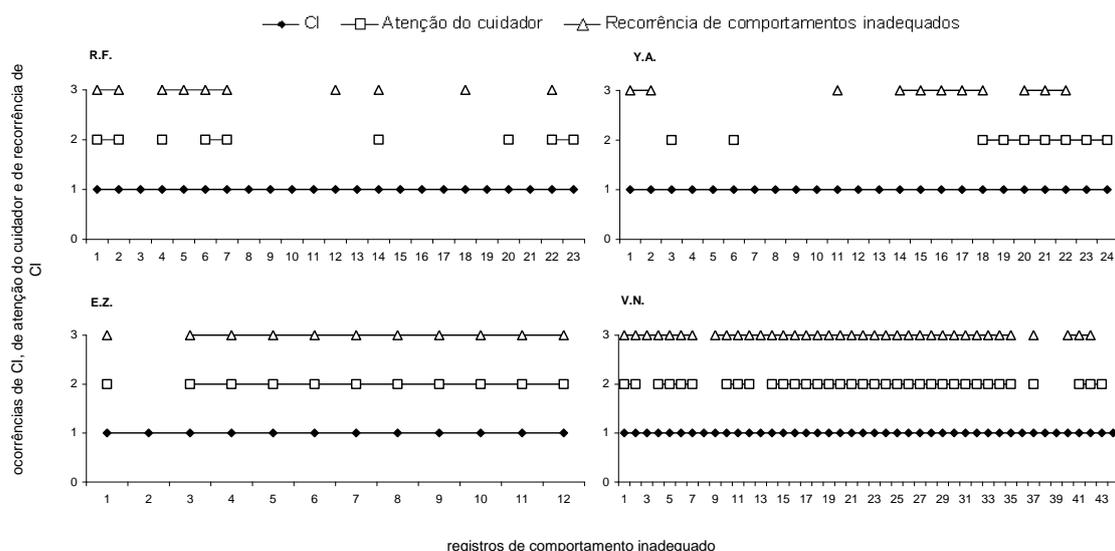


Figura 2. Ocorrência de comportamentos indadequados (CI), de atenção dos cuidadores e de recorrência de comportamentos inadequados para cada registro de comportamento inadequado nas sessões de 8 a 21.

De modo geral, observou-se, na Figura 2, que as recorrências de comportamentos inadequados das crianças seguem a presença de atenção dos cuidadores aos comportamentos inadequados iniciais. No caso de R.F., em nove dos 23 registros de comportamentos inadequados, houve atenção em seguida.. Para Y.A., dos 24 comportamentos inadequados registrados, nove foram seguidos de atenção, enquanto 15 não foram. Para E.Z., apenas um dos 12 comportamentos inadequados registrados não foi seguido de atenção. Dos 43 comportamentos inadequados registrados pela cuidadora de V.N., apenas nove não foram seguidos de atenção.

Os dados apresentados nas figuras 1 e 2 retratam a dificuldade dos cuidadores em não consequenciar com atenção os comportamentos inadequados. Por fim, os gráficos da Figura 2 mostram uma relação diretamente proporcional entre a atenção dos cuidadores aos comportamentos inadequados e a recorrência imediatamente posterior de comportamentos inadequados.

A Figura 3 apresenta os resultados da segunda intervenção (automonitoramento dos cuidadores para atenção aos comportamentos adequados) e os resultados no retorno à linha de base.

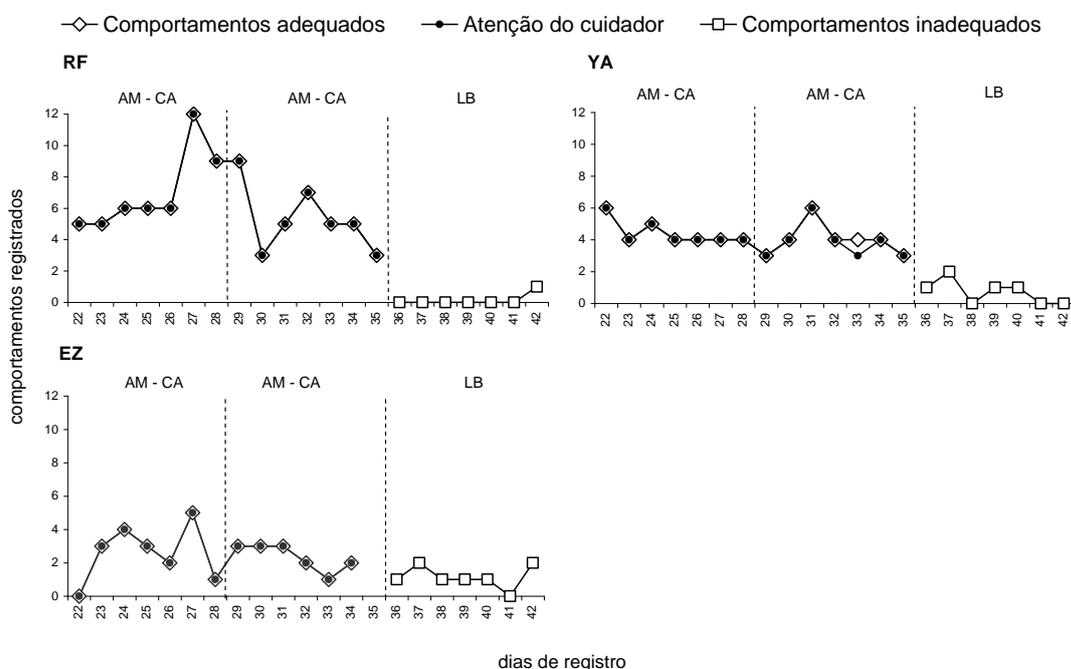


Figura 3. Ocorrência de comportamentos adequados das crianças e de atenção dos cuidadores a esses comportamentos (sessões 22-35), bem como ocorrência de comportamentos inadequados das crianças (sessões 36-42).

Os gráficos mostram que atenção seguiu-se a praticamente todos os comportamentos adequados registrados em cada uma das sessões. Além disso, percebe-se, ao comparar a Figura 3 com a Figura 1, uma remissão significativa dos comportamentos inadequados registrados nas primeiras e segundas linhas de base. Para

R.F., a média de comportamentos inadequados sofreu nova redução, passando para 0,14 ($DP = 0,38$). Com isso, a média de comportamentos inadequados foi reduzida de 3,14, no início do programa, para 0,14 após as intervenções. No caso de Y.A., a média de comportamentos inadequados também sofreu nova redução, passando para 0,71 ($DP = 0,75$). Com isso, houve uma redução de comportamentos inadequados de 3,29, no início do programa, para 0,71 após as intervenções. Para E.Z., apesar de haver um pequeno aumento na frequência de comportamentos inadequados após a segunda intervenção, (1,14, com $DP = 0,70$), houve redução total na média de comportamentos inadequados de 2,14, no início do programa, para 1,14 ao final do programa.

Discussão

A presente pesquisa permitiu concluir sobre a eficácia da intervenção delineada, com margem para algumas considerações acerca dos casos de insucesso, o que possibilita a indicação de novos estudos na área.

Inicialmente, destaca-se o fato de que, logo na linha de base, a observação sistemática dos comportamentos inadequados das crianças permitiu à maioria dos cuidadores uma compreensão diferenciada da situação que vivenciavam em seu ambiente natural. No caso de L.G. e E.N., especificamente, a mãe procurou ajuda alegando estar vivendo uma situação “desesperadora” com o filho, sem conseguir identificar maneiras de lidar com ele, já que havia “tentado de tudo, sem obter sucesso” com as mudanças de comportamento do filho. Ao observar e registrar por sete dias o comportamento do filho, L.G. identificou que o filho não emitia a alta frequência de comportamentos inadequados que ela imaginava que emitisse, além de identificar que boa parte dos comportamentos inadequados registrados são comportamentos, frequentemente, apresentados por crianças do mesmo sexo e idade de seu filho.

A primeira intervenção proposta (automonitoramento para atenção aos comportamentos inadequados) teve por objetivo fazer com que os cuidadores aprendessem a indentificar relações entre os comportamentos inadequados das crianças e comportamentos próprios que, por ventura, pudessem funcionar como reforçadores. Além disso, buscou possibilitar a redução dos comportamentos inadequados a partir da redução de atenção dedicada a estes. Na condição final, em que os pais foram instruídos a reforçar comportamento adequados, houve aumento desses comportamentos. Essa condição final, especialmente eficiente, é coerente com a proposta de e Goldiamond (1974/2002) que tratou da importância de se construir novos repertórios comportamentais baseados em reforços. Indiretamente, essa estratégia pode ser responsável pela redução de comportamentos inadequados observados no retorno à linha de base.

Ao contrário do que observaram Herbert e Baer (1972), a intervenção envolvendo redução de atenção aos comportamentos inadequados foi bem sucedida com as três famílias que chegaram ao final da pesquisa. Isso foi constatado pela redução média de 50% dos comportamentos inadequados manifestados pelas crianças, em relação à linha de base.

É interessante perceber que, ainda que na primeira intervenção tenham sido registradas ocorrências de atenção aos comportamentos inadequados, estes continuaram diminuindo com o passar das sessões. Essa questão pode ter relação com a discussão de Mc Gill (1999) a respeito do papel da privação e da saciedade como fatores motivacionais para a emissão de comportamentos. É possível supor que a atenção apresentada em alguns momentos da primeira intervenção tenha contribuído para diminuir o valor reforçador da atenção.

Como defendem muitos autores (Bolsoni-Silva & Del Prette, 2002; Bolsoni-Silva & Maturano, 2002; Haydu, Gomide & Seegmueller, 2010; entre outros), o comportamento dos cuidadores em relação aos comportamentos das crianças mostrou-se crucial para a recorrência de comportamentos inadequados. Praticamente todas as recorrências de comportamentos inadequados foram antecedidas de atenção dos cuidadores para estes comportamentos. E, ao contrário, com frequência, não houve recorrência de comportamentos inadequados nas situações em que os comportamentos inadequados iniciais não foram seguidos de atenção dos cuidadores.

A aprendizagem de análises funcionais de comportamentos, de acordo com o que defendem Bolsoni-Silva et al (2008), mostrou-se de grande valia para a ampliação do repertório de observação comportamental dos cuidadores e para o aumento de suas habilidades de observar as contingências presentes relacionadas às queixas. Evidência disso é o relato verbal dos cuidadores nas sessões de acompanhamento feitas entre as semanas de intervenções. R.G., pai de R.F., relatou a dificuldade inicial que teve em manter seu foco nos comportamentos adequados e o quanto percebia que reforçava comportamentos inadequados do filho. No caso de L.J. e Y.A., L.J. (mãe) relatou conseguir identificar com clareza, no decorrer do trabalho, o quanto Y.A. respondia aos esquemas de educação adotados em casa, não apenas por ela, mas em compartilhamento com as outras duas cuidadoras de Y.A. (sua madrinha e a prima de sua madrinha). Já com L.G. e E.N., logo na linha de base, L.G. (mãe) relatou que o filho não se comportava tão mal quanto ela imaginava e o quanto ela vinha percebendo que os comportamentos do filho refletiam a forma como ela (mãe) o tratava. Essas informações ilustram uma questão conceitual em análise do comportamento trazida por Tourinho, Teixeira e Maciel (2000). De acordo com esses autores, aprender a observar comportamentos e fazer análises funcionais contribui para que as pessoas se tornem

capazes de identificar comportamentos próprios que facilitam a manutenção dos comportamentos inadequados. Mais uma vez, isso pôde ser verificado quando, a partir da observação e dos registros de automonitoramento, os cuidadores reduziram comportamentos que contribuía para a emissão dos comportamentos inadequados das crianças e passaram a apresentar comportamentos que contribuía para o aumento na frequência de comportamentos adequados.

O automonitoramento funcionou como importante ferramenta para a promoção de mudanças de comportamentos nos cuidadores e, conseqüentemente, nas crianças. Ele pareceu atuar como forma de controle de comportamento dos participantes na execução das tarefas e no seguimento das instruções. Além disso, observar, registrar ocorrências de comportamentos e de eventos ambientais associados (que no caso da presente pesquisa esteve relacionado à interação do cuidador e da criança) - definição de automonitoramento adotada por Bohm e Gimenes (2008) - contribuiu para a realização de análises funcionais dos comportamentos em questão. Dessa forma, o automonitoramento e registro de dados se mostraram recursos essenciais a serem usados na prática clínica que vise mudanças comportamentais.

O presente estudo possibilitou identificar que alguns fatores são pré-requisitos para o sucesso da intervenção como, por exemplo, a capacidade de relato verbal escrito, a disponibilidade de tempo para a execução das tarefas propostas e o comprometimento com o programa. Ainda que tenha se mostrado um procedimento econômico, pouco complexo e eficaz, o sucesso em programas análogos pode depender do desenvolvimento prévio de habilidades dos participantes por meio de treinos mais específicos.

O presente estudo mostrou a efetividade da estratégia de redução de atenção a comportamentos inadequados das crianças associada ao reforço de comportamentos

adequados para a promoção de mudanças comportamentais. Ainda, foi notória a reatividade do comportamento dos cuidadores ao automonitoramento e à elaboração de análises funcionais. Com isso, é possível concluir que o estudo alcançou seus objetivos iniciais e conseguiu testar a eficiência de uma intervenção que, além de econômica, se mostrasse viável no contexto clínico.

No entanto, como não foram manipulados e analisados esquemas específicos de extinção e reforçamento dentro do âmbito pesquisado, sugere-se a implementação de pesquisas futuras que possam cumprir esse papel.

Tendo em vista a relevância social do tema abordado e a carência instrumental dos psicólogos clínicos para a promoção de mudanças de comportamentos e controle dos resultados de suas intervenções, sugere-se também a continuidade da realização de pesquisas que permitam o desenvolvimento de técnicas de intervenção que consigam integrar a fundamentação analítica-comportamental às necessidades específicas do contexto clínico de atuação profissional.

Referências Bibliográficas

- Bernal, M. E., Klinnert, M. D., & Schultz, L. A. (1980). Outcome evaluation of behavioral parents training and client-centered parent counseling for children with conduct problems. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 13, 677-691.
- Bohm, C. H. (2009). *Síndrome do intestino irritável: um exercício em análise funcional do comportamento*. Dissertação de mestrado não-publicada. Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.
- Bohm, C. H., & Gimenes, L. S. (2008). Automonitoramento como técnica terapêutica e de avaliação comportamental. *Revista Psicolog*, 1 (1), 88-100.

- Bolsoni-Silva, A. T., & Del Prette, A. (2002). O que os pais falam sobre suas habilidades sociais e de seus filhos? *Revista das Faculdades de Educação, Ciências e Letras e Psicologia Padre Anchieta*, ano III, no. 7, 71-86.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Maturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: Uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, 7 (2), 227-235.
- Bolsoni-Silva, A. T., Salina-Brandão, A., Versuti-Stoque, F. M., & Rosin-Pinola, A. R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais: Um estudo-piloto. *Psicologia Ciência e Profissão*, 28 (1), 18-33.
- Carvalho, M. C. N., & Gomide, P. I. C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia*, 22 (3), 263-275.
- Cuvo, A. J. (1999). Behavior modification: What it is and how to do it – A review of Martin and Pear's 6th edition. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 32, 535-537.
- Delitti, M. (1997). Análise funcional: O comportamento do cliente como foco da análise funcional. Em: M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição*, 2, 37-44. Santo André, São Paulo: ARBytes Editora.
- Emídio, L. A. S., Ribeiro, M. R. & de-Farias, A. K. C. R. (2009). Terapia infantil e treino de pais em um caso de agressividade. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 11 (2), 366-385.
- Goldiamond, I. (1974/2002). Toward a constructional approach to social problems: Ethical and constitutional issues raised by applied behavior analysis. *Behavior and Social Issues*, 11, 108-197.

- Haydu, V. B, Gomide, P. I. C., Seegmueller, V. (2010). Obediência. Em: P. I. C. Gomide, P.I.C. (2010). Comportamento Moral: Uma proposta para o desenvolvimento das virtudes. Curitiba: Juruá..
- Hebert, E. W., & Baer, D. M. (1972). Training parents as behavior modifiers: Self-recording of contingent attention. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 5, 139-149.
- Johnson, S. M., & Lobitz, G. K. (1974). Parental manipulation of child behavior in home observations. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 7, 23-31.
- Matos, M. A. (1999). Análise funcional do comportamento. *Revista Estudos de Psicologia*, 16, 3, 8-18, setembro/dezembro, PUC – Campinas,.
- Mc Gill, P. (1999). Establishing Operations: Implications for the assessment, treatment and prevention of problem behavior. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 32, 3, 393-418.
- Meyer, S. B. (1997). O conceito de análise funcional. Em: M. Delitti (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição*, 2, 31-36. Santo André, São Paulo: ARBytes Editora.
- Pacheco, J. T. B, Alvarenga P., Reppold, C., Piccinini, C. A. & Hutz, C. S. (2005). Estabilidade do comportamento antissocial na transição da infância para a adolescência: Uma pesquisa desenvolvimentista. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18 (1), 55-61.
- Pacheco, J. T. B., & Hutz, C. S. (2009). Variáveis familiares preditoras do comportamento anti-social em adolescentes autores de atos infracionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25 (2), 213-219.
- Sidman, M (2001). *Coerção e suas implicações*. São Paulo: Livro Pleno.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (11a ed.) São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1953).

- Silva, D. F. M. (2002). *O Desenvolvimento de Trajetórias do Comportamento Delinqüente em Adolescentes Infratores*. Tese doutorado em psicologia do desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Tourinho, E. Z., Teixeira, E. R., & Maciel, J. M. (2000). Fronteiras entre análise do comportamento e fisiologia: Skinner e a temática dos eventos privados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3), 425-434.
- O'Brien, T. P., Riner, L. S. & Budd, K. (1983). The Effects of a Child's Self-Evaluation Program on Compliance with Parental Instructions in the Home. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 16, 69-79.
- Wahler, R. G. (1969). Oppositional children: A quest for parental reinforcement control. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 2, 159-170.

Apêndice I

Entrevista 1



Universidade de Brasília
Programa de Pós-Graduação em Ciência do Comportamento

Pesquisa: Treino Parental

Pesquisador: Carolina Lins de Albuquerque Maia

Nome: _____ Data: _____

1. Nome do cuidador: _____
2. Idade do cuidador: _____
3. Nome da criança: _____
4. Idade da criança: _____
5. História familiar (casamento dos pais, opção pela gravidez, nascimento, primeiro ano de vida, dificuldades, irmãos, escola, relacionamentos do cuidador com a criança):

6. Queixa/ comportamentos indesejados (tipo, frequência, caso crítico): quais são os comportamentos, quais são reforços, quais são as conseqüências.

7. Dia a dia do cuidador com a criança (como participa da educação da criança)

Apêndice II

Entrevista 2

Questionário Construcional de Goldiamond

Questionário Construcional (Goldiamond, 1974; traduzido por Gimenes, Andronis, & Layng, 2005, e adaptado para a avaliação do auto-monitoramento).

1. Resultados

Assumindo que nós tenhamos sucesso, quais seriam os resultados para você?

Como você imagina que seria sua vida sem os problemas que enfrenta atualmente com o seu filho? O que você faria nessa situação?

Como isso é diferente do jeito como as coisas são agora?

Você pode me dar um exemplo?

2. Áreas a serem alteradas e inalteradas

Você pode descrever aspectos da sua vida, com relação ao seu(sua) filho(a). Aspectos que estão indo bem, ou que não quer alterar de forma alguma?

Quais são os aspectos da sua vida, com relação ao seu(sua) filho(a) que você não gosta?

3. História de mudanças

O que fez com que você quisesse trabalhar a mudança de comportamento em seu filho? Por que?

Quando lhe ocorreu pela primeira vez tentar essas mudanças? O que estava acontecendo na sua vida naquele momento? O que você fez? Quais foram os resultados?

4. Recursos

Que habilidades ou aptidões você tem que são relacionadas com aquilo que você gostaria de alcançar nesse processo de mudança de comportamento do seu(sua) filho(a)?

Existem momentos ou lugares quando o problema presente não é um problema, ou quando ele é pelo menos mais ameno?

Você alguma vez teve domínio sobre o presente problema? Caso afirmativo, quando e sob que circunstâncias? Alguma idéia de como?

